



## **A Revista Comunicação & Educação: A Contribuição para a Formação Docente na Área de Comunicação e Educação<sup>1</sup>**

Sérgio Fabiano ANNIBAL<sup>2</sup>  
Instituto de Educação de Assis, Assis, SP

### **Resumo**

O presente artigo traz uma discussão sobre a revista Comunicação & Educação da ECA/USP. Essa reflexão se desenvolve acerca do ciclo de vida da revista, das representações a respeito da profissão docente, da linguagem e da construção do conceito de leitura. Tudo isso a partir de uma fonte impressa e de circulação nacional, que tem como propriedade principal a tentativa de delinear e apontar o diálogo entre os campos da Educação e da Comunicação. A metodologia se baseia em textos da própria revista e em autores como Bourdieu (1987), Chartier (1991), Catani (1997) e Soares (1997). Os resultados consistem no reconhecimento de algumas representações trazidas pelo periódico sobre a formação docente e o conceito de leitura, além de assinalar o diálogo entre estes campos na caracterização da cultura escolar contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação e educação; periódico científico; Formação docente.

### **UM BREVE HISTÓRICO DA REVISTA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO<sup>3</sup>**

Esse periódico quadrimestral conta com treze anos de existência, o único ano que ele deixou de ser publicado foi o ano de 2004. Atualmente, a revista tem conceito qualis B2 atribuído pelo CAPES válido para ambas as áreas. Isso mostra uma sólida representatividade nas áreas de comunicação e de educação.

A revista nasceu no interior de um departamento da ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), chamado CCA (Departamento de Comunicações e Artes). Esse departamento se responsabiliza por oferecer disciplinas básicas e gerais para todos os cursos de graduação da ECA, um exemplo disso é a disciplina de Língua Portuguesa – Redação e Expressão Oral, presente em todos os cursos da ECA. Hoje este departamento também um curso próprio a Licenciatura de Educomunicação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UNESP/Marília; Mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara; Graduado em Letras pela UNESP/Araraquara. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores da UNESP/Assis. Professor de Educação Básica II da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, alocado na EE “Prof. Fidelino de Figueiredo” em São Paulo/SP. Professor no curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Assis em Assis/SP.

<sup>3</sup> Esta primeira parte do artigo se baseia em pesquisa realizada na revista Comunicação & Educação ao longo dos seus treze anos de sua existência até o ano de 2008.



Seu corpo docente tem um caráter híbrido multidisciplinar, isto é, estão na área de comunicação, mais advém de outras áreas do conhecimento como as letras e a sociologia.

Comunicação & Educação é uma publicação do curso de Gestão de Processos Comunicacionais do CCA. Faz parte da rede Ibero-Americana de Revistas de Comunicação e Cultura, e se encontra indexada tanto ao PortCOM/Portdata (Brasil), Portal Infoamerica (Espanha) quanto o Rebeca (ECA/USP).

Certamente, essa característica facilitou esse caráter multidisciplinar e interdisciplinar da revista, todavia, esse caráter apresenta uma direção no interior do periódico, que diz respeito ao estudo e à reflexão acerca da linguagem e a confluência desse aspecto com as áreas de comunicação e de educação.

No decorrer dos treze anos da revista Comunicação & Educação, ela foi editada pelo CCA/ECA/USP em parceria com três editoras, a saber: de 1994-1999 a editora Moderna; de 2000-2001 a editora Segmento; de 2002-2003 a editora Salesiana; 2004 ela não pode ser editada; e de 2005 até o presente momento pela editora Paulinas.

Dos anos de 1994 a 2003 o seu formato editorial quase não se alterou, apenas a partir de 2005 houve uma modificação quanto ao tamanho dos exemplares.

De maneira geral, o periódico está estruturado em onze seções. As modificações que estas seções sofreram foram no sentido de se acrescentarem novas seções ao longo do tempo. Inicialmente, mais especificadamente no ano de 1994 (nº 1, ano I, set/dez), havia as seguintes seções: apresentação, artigos: nacionais e internacionais, entrevista, crítica, depoimento, experiência e serviços.

Em 1995 (nº 3, ano I, maio/ago) houve o acréscimo da seção boletim bibliográfico; em meados de 1996 (nº 5, ano II, jan/abr) nota-se a inclusão da seção poesia; em 2000, o tópico videografia deixa de constar da seção Boletim Bibliográfico e torna-se uma seção própria; finalmente, em 2002 (25, ano VIII, set/dez), temos a adição da seção atividades em sala de aula.

A partir disso, a configuração da revista permanece quase inalterada até o presente momento. As exceções ocorrem quando a seção atividade em sala de aula é suprimida de alguns números.

Durante a existência do periódico, observamos que os colaboradores estão distribuídos nas seções da seguinte forma: em algumas seções eles são permanentes, em outras oscilantes. Surgem colaborações permanentes nas seções de poesia, videografia e



atividades em sala de aula, por exemplo. E as colaborações oscilam, sobretudo, em artigos nacionais e internacionais.

Nesse contexto, podemos acrescentar outro elemento em relação à Comissão de Publicação: durante dez anos as apresentações (roteiros de leitura) foram elaboradas por uma única pesquisadora, a Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega. Isso nos sugere uma tentativa de solidificação de algumas idéias no interior do campo, configurando um posicionamento teórico e político, que conduzia a abertura do periódico e oferecia a oportunidade de nortear sua leitura.

A partir do texto intitulado “A linguagem entre a comunicação e a educação”, do Prof. Dr. Adilson Odair Citelli de 2006 (nº 1, ano XI, jan/abr, p. 7-11) é que esta seção passa a ser compartilhada com outros membros da referida Comissão. Uma outra presença marcante nesse ciclo de vida da revista é a da Profa. Dra. Roseli Fígaro, sempre ligada à seção de entrevistas; e da Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa, que também foi responsável por textos de apresentação em 2006 (nº 3, ano XI, set/dez, p.327-330), pesquisadores assíduos não apenas nas apresentações e nas entrevistas, mas também de outras seções da revista como a de poesia.

### **QUESTÕES DA LINGUAGEM E FORMAÇÃO DOCENTE DURANTE O CICLO DE VIDA DO PERIÓDICO**

A nossa intenção com a investigação desse periódico é procurar compreender as representações acerca da formação docente e do entendimento do conceito de leitura trazidos pela revista. Para isso, promovemos uma investigação com muita acuidade em todos os textos independente das seções, cujas palavras-chave apresentavam os vocábulos leitura ou leitura aplicada, e ainda quaisquer outros termos ligados à leitura, como por exemplo: leitura crítica dos meios.

Dessa forma, pretendemos reconstruir por meio das representações a concepção que esse periódico tem sobre a docência e a leitura, elementos imprescindíveis para a construção de sentidos e para a ampliação das possibilidades da linguagem no universo educacional.

Optamos por discutir, sucintamente, as apresentações, devido ao fato do discurso que elas trazem nos apontar uma direção metodológica e ideológica de abordar tanto o campo educacional como o campo da comunicação.

Os pesquisadores que integram a seção intitulada “Apresentação” fazem parte do da Comissão de Publicação e também do Conselho de Colaboradores Nacionais e Internacionais.



Os colaboradores do conselho editorial nacional representam universidades públicas e privadas no Brasil, tais como: USP, UNICAMP, UFBA, UFRN, UMESP, UNISINOS; o conselho de colaboradores internacionais é representado por universidades da Argentina, Colômbia, México, Estados Unidos, Chile e França. Além disso, trazem a coerência e o cuidado de se escolherem pesquisadores que representam a área de educação e de comunicação ou que pelo menos procuram estabelecer interfaces entre os dois campos.

Como já foi anunciado, até o décimo ano da existência da revista as apresentações foram feitas pela Direção da Profa. Dra Maria Aparecida Baccega; depois desse marco temporal, as apresentações se alternaram, focando a cargo de outros pesquisadores ligados a revista: Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, Profa. Dra Maria Cristina Castilho Costa, Profa. Dra Maria de Lourdes Motter, dentre outros.

Dos citados acima, uma tem formação em sociologia e três deles apresentam formação inicial em Letras, com pós-graduação também em Letras ou em Ciências da Comunicação; os demais apresentam formação em outras áreas das Ciências Humanas, todavia, ligados à licenciatura; verificamos também alguns jornalistas, caso da Profa. Dra. Roseli Fígaro. Esses últimos, mais jovens, contam já com pós-graduação em Ciências da Comunicação.

O relevante nos perfis assinalados é o fato desses pesquisadores terem origem na licenciatura e se alocarem em cursos pertencentes à área de Comunicação e, sobretudo, refletirem o campo educacional a partir de pressupostos do campo de comunicação.

Esse olhar que considera os dois campos efetua uma sólida discussão sobre a linguagem, a construção dos sentidos e a utilização dos meios de comunicação de massa pela escola. Portanto, essas apresentações procuram estabelecer um sentido comum para a linguagem nesses dois campos.

As intenções explicitadas nesses textos de apresentação são a de mostrar que a linguagem é ampla, multifacetada e cheia de possibilidades e que a escola e os professores devem reconhecer essas características da linguagem, para que ela possa exercer plenamente sua função. Porém, sabemos que esses ideais são contrastantes com a realidade da escola. Pelo menos em boa parte das escolas públicas brasileiras a linguagem é ainda tratada de forma reducionista pela abordagem gramatical e ortográfica e há pouco espaço para se ousar.

Esses textos apostam mesmo com um olhar predominante advindo da área de Comunicação, em uma postura ativa, desbravadora e desmistificadora do aparelho



escolar em relação à compreensão e à utilização dos meios de produção de sentido, tais como: a TV, os computadores, a internet, os livros, as bulas de remédio, dentre outros. Observando que os sentidos da educação estão em outros espaços para além da sala de aula/escola, isto é, a educação se dá em contextos mediatizados.

## **QUESTÕES ACERCA DOS CAMPOS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO**

Na perspectiva dessa mediatização do contexto educacional, iniciaremos esta etapa de nossas discussões com algumas questões: 1- Como se dá essa tentativa de reflexão da área da Comunicação sobre a área da Educação? 2- Como as relações entre esses campos se operam? e 3- Como as representações sobre leitura e docência se constroem no interior dessa discussão entre campos?

É de suma importância que fique claro que não é nossa intenção esgotar as possibilidades de respostas a essas indagações, pois isso seria impossível, graças à complexidade do assunto e o fato de estarmos apenas oferecendo mais uma contribuição para o tema e não algo definitivo e absoluto.

A primeira questão que propusemos é abrangente e nos obriga a rememorar todos os artigos, entrevistas e depoimentos selecionados no período de 1994 a 2008, de acordo com os objetivos deste trabalho. Essas produções relacionadas trazem ideários sobre a profissão docente e sobre a leitura muito diversos e em forma de respostas, às vezes, imediatas aos conflitos educacionais e comunicacionais existentes no contexto das publicações.

De 1994 a 1999, temos uma preocupação exacerbada com a utilização e implementação dos meios de comunicação nas escolas. Entenda-se como meio de comunicação nesse recorte histórico-cultural, os computadores, a TV escola, o jornal, dentre outros. Observa-se uma discussão de cunho epistemológico, mais voltado à área de Comunicação. Fala-se que a escola e o docente precisam estar preparados para lidar com as inovações que adentram pela escola. Porém, em nenhum momento se discute sobre o processo de formação e de desenvolvimento humano que possibilitam esse estado de prontidão da instituição escola e do sujeito docente.

A partir de 2000 até os dias atuais, esse caráter técnico vem diminuindo e cedendo espaço a um debate mais acentuado sobre a construção de sentido e sobre uma utilização mais esclarecedora e crítica dos meios. Retrata as preocupações histórico-culturais desses momentos vividos pelos campos em questão, que, felizmente, superam



a etapa de manuseio técnico e evoluem para o significado cultural que isso representa para os indivíduos.

A edificação desse olhar se deu de forma consistente em relação à Comunicação, no entanto, o olhar sobre a educação recai predominantemente sobre a prática em sala de aula: uma das fases de complexo e multifacetado universo educacional/escolar.

Para procurarmos alguns caminhos em direção a segunda indagação, recorreremos ao conceito de **campo** postulado por Pierre Bourdieu:

Os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nesses espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas). [...] Mas sabe-se que em cada campo se encontrara uma luta, da qual se sabe, que cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que esta entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. (1983, p. 89)

O campo é um espaço reservado a lutas constantes no interior das organizações sociais, nele as posições são disputadas e hora alternadas. Apresenta um conjunto de propriedades e de regras que impõe provas e sanções aos indivíduos que o adentram ou se movimentam no seu interior. Trata-se de um jogo de forças entre a ortodoxia e a heterodoxia e fundamentalmente se comunica com outros campos. Para esclarecer essa discussão, temos as próprias palavras do autor:

A estrutura do campo é um **estado** da força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta, ou se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, oriente estratégias ulteriores. [...] Aqueles que, num estado determinado da relação de força, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, tendem a estratégias de conservação – aquelas que nos campos da produção de bens culturais tendem à defesa da **ortodoxia** -, enquanto os que possuem menos capitais (que freqüentemente são os recém-chegados e, portanto, na maioria das vezes, os mais jovens) tendem a estratégias de subversão – as da **heresia**. É a heresia, a heterodoxia, enquanto ruptura crítica freqüentemente ligada à crise, juntamente a doxa, que faz com que os dominantes saiam do seu silêncio, impondo-lhes a produção do discurso defensivo da ortodoxia, pensamento “direito” e de direita, visando a restaurar o equivalente da adesão silenciosa da doxa. (BOURDIEU, 1987, p. 90)

Nesse jogo no interior dos campos, tentaremos direcionar as nossas discussões sobre os campos da Comunicação e da Educação, relacionando-os a um terceiro campo: o Político. Esse embate inerente aos campos será analisado nas páginas desse periódico,



apoiados em autores como Bourdieu (1987) e Catani (1997), com o intuito de resgatar a memória e o ideário da profissão docente e das concepções sobre o conceito de leitura.

É notável através da leitura dos textos selecionados da revista em análise, que alternativas e considerações pontuais sobre o ensino de linguagens são feitas por meio de depoimentos de sucesso e de defesas bem sustentadas teoricamente. Esse posicionamento parte de um olhar originado no estudo da linguagem e dos meios de comunicação de massa no campo da Comunicação. No instante que esse campo se comunica com o campo Educacional, nota-se a diminuição do detalhamento e do aprofundamento teórico de questões educacionais. A discussão é bem elaborada no concernente à linguagem e frágil e não detalhada no concernente à Educação.

Temos a impressão de que as considerações não são realizadas com a mesma fluidez para os dois campos, deixando a sensação de completude na Comunicação e um estreitamento de olhar lançado sobre o campo educacional. Juntamente com esse desnível argumentativo entre esses dois campos, verificamos a forte influência do campo político. Essa relação com o campo político é nitidamente verificada nas produções feitas de 1994 a 1999.

Entretanto, é necessário assinalar uma reação da revista, mais especificamente originada do campo da Comunicação em relação ao campo Político, por meio da crítica do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares sobre a LDB/96. Esse texto foi publicado um ano após a aprovação da lei e questionava o prejuízo ocasionado à área de Comunicação pelo Senado Federal. O campo da Comunicação tinha mais espaço no campo da educação por ocasião do projeto na Câmara e ao passar pelo Senado esse espaço foi suprimido em prol de um discurso mais legalista e lacunar.

Portanto, a relação de forças entre esses campos é nítida e perceptível pelo conteúdo da produção da revista. Mas, é notável o predomínio do campo da Comunicação.

A última indagação nos obriga a discutir as representações de leitura e docência ao longo do ciclo de vida da revista Comunicação & Educação. Para isso é importante resgatar o conceito de representação da leitura, postulado por Roger Chartier:

Toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico. O meu organiza-se em torno de três pólos [...] O estudo crítico dos textos literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; [...] a história dos livros e para além de todos os objetos que contêm a comunicação do



escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas. [...] (1991, p. 178)

A citação acima tem como finalidade organizar e direcionar a nossa empreitada a partir desse ponto, pois considera os pólos pelos quais partem seu olhar sobre os objetos. No nosso caso, tentaremos captar e discutir “o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias” (CHARTIER, 1991. p. 178). Com isso, tentaremos atingir níveis mais profundos do discurso, trazendo a superfície desse trabalho posicionamentos dos campos da Comunicação e da Educação, que assinalam um recorte na história da profissão docente e dos estudos da leitura.

O conceito de representação é complexo e configura aspectos culturais, históricos e ideológicos da relação do homem consigo mesmo e com o mundo em que vive. É o entendimento que o homem promove acerca dos seres e dos objetos. É a construção de sentidos, de acordo com o repertório sociocultural, que ele tem do seu estar no mundo.

No contexto em análise, como já foi dito anteriormente e agora aprofundaremos um pouco mais, a docência é tratada de uma maneira quase distante, dando-nos a impressão de que o profissional de educação está somente posicionado para operar a linguagem e os meios. Mesmo que a importância da formação de professores tenha sido assinalada por várias vezes, não se nota um aprofundamento em questões referentes ao assunto. Ainda é frágil a promoção de um debate maior sobre o entorno que conduz e situa o docente na história de sua profissão. Aspecto este que agora tenderá a ser repensado pelos dirigentes da revista em pauta, pois certamente eles enfrentarão o problema efetivo da formação docente, a partir da criação da Licenciatura em Educomunicação que está alocada no departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. A revista pode ser um importante canal para se pensar a formação do educador.

Isso nos remete a uma discussão de Catani (1997), quando se refere à memória e cita Adorno<sup>4</sup> (1995), dizendo que o passado só é devidamente superado quando as causas que trouxeram qualquer tipo de aborrecimento é resolvida:

---

<sup>4</sup> As referências completas do texto de Adorno citado por Catani (1997) são: ADORNO, Theodoro **Educação e Emancipação**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, P. 29-49.





É o falar numa espécie de ‘domínio do passado’ mediante ao qual é possível que a humanidade se aliene da memória que ele afirma: ‘no fundo, tudo dependera do modo no qual o passado será referido no presente; se permanecermos no simples remorso ou se resistirmos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível. Naturalmente para isto será necessária uma educação dos educadores’ (p. 46). E ao finalizar o texto ele sustentará: ‘o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pode manter-se até hoje porque continua existindo suas causas’ (P. 49) (1997, p. 121)

A relevância de citar Adorno por meio de Catani é para problematizar o fato do periódico em questão não ter trazido a discussão do indivíduo docente inserido em um contexto maior que abranja aspectos políticos, culturais, econômicos, institucionais, históricos e educacionais. Logo, a memória e os conflitos não foram devidamente questionados ou construídos e, portanto, de acordo com Adorno, não superados. Contudo, novos desafios se instalam no campo da educomunicação e que certamente levarão a um reposicionamento das representações dos futuros artigos da revista sobre o sujeito docente deste entre campos.

No que tange à leitura, a visão pragmática e pronta se instaura e não se tem um aprofundamento processual, histórico e cognitivo dessa habilidade. É como se o ato de ler já estivesse constituído e bastasse apenas ser acessado pelo público escolar. Essa postura predominou no histórico da revista desde o seu início.

A partir de 2000, notamos uma espécie de realinhamento da revista com os campos que ela representa. O novo caráter deixa um pouco de lado o pragmatismo e parte para uma discussão mais arrojada sobre leitura. Traz a tona, com mais vigor um conceito de leitura que se aplica aos meios com a finalidade de despertar um senso crítico mais pungente no sujeito leitor. Já em 2007, vemos a presença da história da leitura e das práticas de leitura preencher as páginas do periódico.

Corroborando com essa nova etapa de debates sobre leitura, encontramos a preocupação com a recepção, com a *performance* do corpo humano diante do ato de ler, além da disposição dessa habilidade em gêneros como as histórias em quadrinhos e em meios como os videogames, por exemplo. Assim, verificamos na revista uma nova direção nas discussões acerca da Comunicação e da Educação.

## **À GUIA DAS CONCLUSÕES**



Finalmente, esperamos ter podido oferecer um panorama sobre a revista *Comunicação & Educação* por meio das considerações sobre os temas da docência, da leitura e dos campos da Educação e da Comunicação.

Na compreensão do ciclo de vida da revista e dos temas explorados, arriscamos dizer que o realinhamento dos campos, a partir de 2000, nos sugere uma espécie de peripécia na história do periódico, redimensionando o enfoque tenaz da Comunicação para outras discussões pertencentes ao campo Educacional.

Foi possível verificar essa re-dimensão por conta do aprofundamento nos argumentos e nas escolhas teóricas dos artigos sobre leitura no decorrer de 2007.

Sendo assim, ratificamos o que, muitas vezes, surgiu nas apresentações dos vários volumes da revista sobre a pertinência e a relevância de se refletir esses campos. Talvez, o necessário enfoque acerca da linguagem e o desenvolvimento nas discussões sobre leitura, que também configura uma forma de se discutir linguagem, se explique pelo fato do lugar de voz da revista ser o campo da Comunicação. Se esse espaço de propagação fosse o campo da Educação, o mesmo poderia ocorrer: um acentuado debate de temas educacionais em detrimento à Comunicação. O desejável seria uma relativização nessas discussões para que a proposta de se refletir os dois campos seja atingida e a profícua hibridização teórica se concretize em prol da Educação e da Comunicação. Uma trajetória em direção a uma saudável equalização.

Outro ponto que advém do contexto externo à análise do ciclo de vida da revista *Comunicação & Educação*, dá-se no fato já comentado, de que agora o departamento que sedia a revista tem uma Licenciatura em Educomunicação. Este novo evento, certamente colocará os seus docentes e colaboradores diante das perspectivas da formação do sujeito docente neste entre campos, cujo questionamento principal aponta para a compreensão dos significados da formação do educador e seus dilemas na vida escolar, considerando que esta é uma nova carreira docente do Estado.

Nesse sentido, a nossa expectativa é que a revista continue seu processo de amadurecimento e que o advento da licenciatura supracitada se torne a diretriz de uma trajetória em direção ao que chamamos de uma saudável equalização que consolidará o papel científico deste relevante periódico em relação aos seus propósitos originais.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação, educação e tecnologia: interação. **Comunicação & Educação**. São Paulo: n. 1, ano X, jan/abr, 2005. p. 7-14.



- \_\_\_\_\_. Dez anos a serviço da construção do campo comunicação/educação. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA/USP. n.º 3, ano X, set/dez, 2005. P. 263-268.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983. p. 89-94.
- CHARTIER, R. Um mundo como representação. **Estudos avançados**. São Paulo: USP, v. 11, n. 5, 1991, p. 173-191.
- CATANI, D. B. **A memória como questão no campo da produção educacional**. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, n. 4, set 1998. p. 119-129.
- SOARES, I. O. Lei de diretrizes e bases e a comunicação no sistema de ensino. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA/USP, n. 8, jan/abr, 1997. p. 23-26.